

O papel da família nos processos de aprendizagem da criança em uma perspectiva psicanalítica

The role of the family in the child's learning processes from a psychoanalytical perspective.

Marcia Aparecida Gonzaga Kobayashi

Robenilson Moura Barreto

Pamela Arruda Vasconcellos

Resumo

O presente artigo aspira destacar o papel da família no desenvolvimento da criança, suas implicações no processo de aprendizagem, a importância das relações afetivas e a contribuição desses fatores para a construção do ego e de relações objetivas saudáveis. Entendemos que para conhecer a criança primeiro devemos entender a família e os modelos vinculares que elas estabelecem, pois esses são internalizados pelas crianças que vão constituir sua identidade biopsicossocial. Vale ressaltar ainda que não devemos considerar apenas os fatores ambientais como determinantes para o não aprender. Para a pesquisa utilizamos a abordagem qualitativa, com objetivo descritivo e exploratório.

Palavras chaves: Família, Psicanálise, Relações familiares e Aprendizagem.

Abstract

This article aims to highlight the role of the family in child development, its implications in the learning process, the importance of affective relationships and the contribution of these factors to the construction of the ego and healthy objective relationships. We understand that to know the child we must first understand the family and the bonding models they establish, because these are internalized by the children that will constitute their biopsychosocial identity. It is also worth mentioning that we should not consider only environmental factors as determinants for not learning. For this research we used a qualitative approach, with a descriptive and exploratory objective.

Keywords: family, psychoanalysis, family relationships and learning.

Introdução

O presente trabalho visa discutir as influências da família na produção de problemas de aprendizagem, tendo como base a teoria psicanalítica, a qual busca nos oferecer instrumentos ao considerar a dimensão afetiva da criança, os aspectos inconscientes e as relações afetivas na vinculação com o conhecimento através de relações patológicas levando a criança a reprimir sua capacidade de desenvolver seus pensamentos gerando medos e ansiedade diante da aprendizagem. Pode-se considerar a aprendizagem como um processo constituído de diversos fatores resultantes de questões orgânicas, cognitivos e afetivos, dessa forma, a aprendizagem da criança deve ser vista por causas multifatoriais. Porém, analisaremos o sintoma da criança a partir das influências do grupo familiar. Entretanto não podemos nos esquecer que não existe uma causa única, nem situações determinantes do problema de aprendizagem e pensar que a família é determinante do problema de aprendizagem é pensar em termos de causalidade (VERMUNT; VERMETTEN, 2004).

Evidencia-se um aumento significativo de encaminhamentos de crianças à especialistas da área de saúde evidenciando um complexo fenômeno na escolarização através da medicalização e da patologização. Por isso, embora os laudos sejam manifestações das deficiências e do adoecimento crônico, este trabalho apresenta a família como objeto de estudo na compreensão da criança com dificuldade de aprendizagem.

Entende-se que a família constitui a base para o desenvolvimento emocional da criança, pois é nessa relação que os primeiros vínculos são constituídos, bem como o caráter e a personalidade da criança (SCHLÖGLMANN, 2003). Para Winnicott, desde o início do desenvolvimento é importante considerar que embora o bebê desenvolva suas tendências herdadas, que é o processo de maturação, ele necessita de um ambiente que facilite a ocorrência deste processo, nesse sentido a origem dos problemas de aprendizagem não se encontra na estrutura individual, o sintoma se ancora em uma rede particular de vínculos familiares que se entrecruzam. Estudar e entender a família é de grande relevância para compreender o sintoma da criança, uma vez que os pais são os primeiros educadores e responsáveis pela formação. Para que a criança tenha um desenvolvimento saudável a família precisa desenvolver sua função do ponto de vista biológico, psicológico e social, contribuindo assim para o desenvolvimento saudável ou patológico de seus componentes.

De acordo com Klein (1992), o nível e o tipo de vinculação que a criança estabelece com as pessoas que a cercam vão determinar o nível e o tipo de vinculação estabelecidos com o conhecimento, repercutindo, assim, na sua aprendizagem escolar. Por isso ao analisar o ambiente familiar suas interações e a forma como ocorreram as primeiras aprendizagens da criança, é possível entender como o conhecimento circula na família. Sendo assim, este trabalho propõe um diálogo entre a psicanálise contemplando exposições, discussões e reflexões acerca do desenvolvimento e a teoria emocional desenvolvida por Donald Wood Winnicott, e a teoria da afetividade entendida por Henri Wallon apontando para importância de um ambiente facilitador e compreendendo a complexa natureza desse processo.

2. A psicanálise e a construção da família

Sigmund Freud (1976) desenvolveu uma concepção do que seja a família, relacionando-a diretamente ao complexo edipiano, ou complexo de Édipo, que de acordo com a teoria representa um desejo de envolvimento sexual filial com o genitor do sexo oposto, ao mesmo tempo em que há um sentimento paralelo de rivalidade voltado ao genitor de mesmo sexo; embora considere tal como uma fase essencial ao processo natural de desenvolvimento (AUGUSTYN, 2022).

Freud identificou a que o complexo de Édipo surge aproximadamente entre 3 a 5 anos de idade, termina quando a criança se identifica com o genitor do mesmo sexo e passa a entender a própria sexualidade. Considera esta uma etapa crucial no desenvolvimento humano, pois o leva a aceitar os papéis de gênero e compreender a própria sexualidade. Dessa forma, sendo a relação com seus pais especialmente amorosa e sem traumas, com as ações paternas e maternas não marcadas por uma proibição taxativa excessiva, nem demasiadamente estimulantes, a fase é vivenciada harmoniosamente. Mas apresentando-se algum trauma, passa-se a ocorrer uma “neurose infantil”, tornando-se um relevante precursor de que a situação traumática se estenda, afetando a vida adulta do indivíduo (AUGUSTYN, 2022).

De acordo com Freud, uma parte de nossa psiquê, o superego, o fator moral que domina a mente adulta consciente, possui entre suas origens, o processo de superação do complexo de Édipo, ou seja, na superação dos instintos sexuais (AUGUSTYN, 2022). Sendo assim, a psique humana seria estruturada em três partes: o id, o ego e o superego, onde id seria a parte primitiva e instintiva da mente, detentora dos impulsos sexuais, agressivos e memórias inconscientes; o superego, operando numa posição de consciência moral; bem como o ego, como a parte “realista” da mente, consciente, que faz a mediação entre os desejos irracionais e primitivos do id e as expectativas idealistas do superego.

Freud entendeu que os efeitos empreendidos pela mente, contra o complexo de Édipo, eram as reações sociais mais importantes da mente humana (AUGUSTYN, 2022). Dessa forma, no campo da psicanálise freudiana, o conceito de família assenta-se no princípio de que a prole busca “eliminar” seus genitores, devido a uma rivalidade natural entre estes, que leva ao questionamento da onipotência dos pais e na emancipação dos filhos, livrando-os da opressão dos genitores. Essa base, segundo Freud asseguraria o funcionamento simbólico da estrutura familiar. Freud, por meio deste raciocínio, deixa clara a intenção de “abrir os olhos” das pessoas para as relações de rivalidade e amor que existem naturalmente, entre homens, mulheres, pais e filhos e, ainda, o rearranjo de origem patriarcal que gira em torno da questão do desejo (AUGUSTYN, 2022).

Melanie Klein (1973) revisita a família freudiana, explicando que esta arregimenta-se em um fundamento de culpabilidade frente à lei moral do superego, instaurando o desejo entre condições conflitantes junto a um panorama que mescla situações de uma autoridade definida, rebeldia a esta, percepção de diferença, realização de um crime e o castigo resultante, terreno onde este conflito acontece de forma subjetiva. A autora ainda segue os passos de Freud, buscando compreender a causa das psicoses infantis, e, podendo-as ver nas relações com a mãe, pode maternalizar a família psicanalítica, situando a mãe como elemento de todas as projeções odiosas e funcionais, sem utilizar nenhuma realidade antropológica.

3. A relação do afeto na aprendizagem

Conforme comprovam os resultados de diferentes estudos, como o de Wolfgang Schlöglmann (2003) e de Holbrook Mahn and Vera John-Steiner (2002), o desenvolvimento afetivo é o veículo pelo qual a aprendizagem ocorre. Além disso, outras pesquisas como as de Ashby, Isen e Turken (1999) demonstraram que as experiências que desencadeiam níveis moderados de afeto positivo podem promover maior desenvolvimento de habilidades de pensamento de ordem superior, resiliência e atitudes positivas do aprendiz em relação a experiências que não desencadeiam afeto positivo.

LeDoux (2014) aponta que desde as primeiras experiências, o desenvolvimento afetivo é resultado de respostas neuroquímicas desencadeadas quando a informação sensorial de estímulos ambientais e sociais é interpretada pelo cérebro. Claxton (2008), compreende que essas respostas são expressas fisiologicamente e interpretadas como sentimentos, acabando por influenciar a formação de atitudes. Diversas pesquisas encontraram correlações entre atitude e aprendizagem, sugerindo que a relação entre afeto e cognição merece um exame minucioso no processo de ensino e aprendizagem.

Com relação ao desenvolvimento infantil, Winnicott (1958/2001) observa que o desenvolvimento emocional ocorre desde o início e que a formação da personalidade é influenciada pela ocorrência dos primeiros dias e horas de vida e considera ainda que a experiência do nascimento é essencial para que o desenvolvimento ocorra de forma

saudável. Segundo o autor, o homem consiste em um ser dotado de uma tendência natural para o desenvolvimento e integração, mas para que isso ocorra é fundamental existir um ambiente positivo que ofereça cuidados adequados. Para o autor o primeiro ambiente construído para o bebê é a mãe, e inicialmente ambos são integrados a um único ambiente, posicionando assim a mãe como um ambiente que reconhece a dependência da criança sempre atendendo às suas necessidades.

Nos estágios iniciais do desenvolvimento emocional, quando a criança cresce em um ambiente saudável, seus traços herdados a conduzem ao processo de crescimento, que inclui a tendência à integração da personalidade: integração, plena realização física e mental; e as relações interpessoais, à medida que a criança começa a crescer o reconhecimento ou relação de objetos (WINNICOTT, 1958/2001; 1989). Winnicott considera o processo de constituição mental do sujeito a partir dos três processos em que o sujeito precisa passar: integração, personalização e realização ou relações objetais. A consolidação ocorre gradualmente a partir da fase de não integração e começa imediatamente no início da vida. Refere-se à integração pessoal como unidade de um estado não integral e há um "eu sou" e o início de uma constituição pessoal. Em um ano algumas crianças se tornaram indivíduos com uma personalidade integrada e para que a integração ocorra é fundamental a existência de condições naturais: a mãe da criança, que junto com a natureza, mantém a criança unida por si mesma.

Em Winnicott (1956), "uma mãe suficientemente boa" consiste na mãe (ou cuidador primário) que consegue atender às necessidades básicas do bebê de forma consistente, sensível, antecipando e satisfazendo suas demandas básicas, como alimentação, conforto físico e contato emocional proporcionando dessa forma um ambiente de cuidado e afeto o que acarreta em uma sensação de continuidade, segurança e acolhimento para a criança e implicaria em um crescimento emocional saudável. De acordo com Winnicott (1960a/2001) o cuidado primário influencia a formação do senso de identidade e na capacidade da criança de lidar com o mundo externo. Quando a maternidade não for boa o suficiente pode haver impactos negativos para o desenvolvimento emocional saudável, dessa forma a criança pode se sentir desamparada ou incapaz de regular suas próprias emoções, apresentar dificuldades em estabelecer uma sensação de continuidade e confiabilidade em sua vida, o que pode resultar em ansiedade, insegurança e dificuldades na construção da sua identidade bem como, dificuldades para desenvolver sua própria autonomia e autoestima fortalecida. Assim, crianças bem cuidadas tornam-se humanas rapidamente, enquanto aquelas que recebem apoio inadequado ou patológico do ego muitas vezes apresentam padrões comportamentais semelhantes: inquietação, separação, apatia, inibição e apatia.

O autor Henry Wallon também apresenta contribuições para compreender o papel da afetividade no desenvolvimento humano. De acordo com ele, a afetividade desempenha uma função primordial na forma como os indivíduos interagem com o mundo e constroem sua identidade. O autor considera a afetividade como um aspecto inseparável da pessoa, integrando as emoções, os sentimentos e as relações interpessoais. De acordo com ele, ao longo do desenvolvimento a afetividade se alterna com a atividade mental posta em movimentos dialéticos, ora centrípetos, ora centrífugos e abrangendo o conjunto motor, como base de sustentação e expressão.

Na visão de Wallon, a afetividade e a inteligência estão associadas, uma vez que a emoção ocupa um lugar privilegiado nas concepções psicogenéticas, tanto para o desenvolvimento da pessoa humana quanto para a construção do conhecimento. Segundo Wallon (1968) "A emoção estabelece relações íntimas entre as pessoas, sem nenhuma relação intelectual". Acredita-se que fortalecer o comprometimento no ensino fundamental

aumenta a confiança e o comprometimento acadêmico dos alunos, melhora a participação em sala de aula e melhora a qualidade do processo de aprendizagem. Portanto, podemos apreender a afetividade, de forma ampla, como um conjunto ativo a partir do orgânico e adquirindo um status social em relação ao outro e que é elemento fundamental na formação de um ser humano perfeito.

Dantas (1992) ao discutir Wallon, aponta que, “no início da vida, afetividade e sabedoria se entrelaçam da mesma forma, com o predomínio da primeira”. Portanto, a afetividade pode fazer parte do desenvolvimento humano e não apenas uma característica humana. Nesse sentido, o autor sugere que a educação emocional deve ser incorporada ao ato de ensinar, pois “o desempenho depende, por sua vez, da realização intelectual e vice-versa”. Identifica-se dessa forma, que o processo de ensino-aprendizagem é influenciado pela afetividade, pois o sujeito tem um problema de ruptura que pode afetar positiva ou negativamente o mundo ao seu redor e esse fato reflete no processo de formação, sendo assim o desenvolvimento humano ocorre de forma indireta, constituído por três componentes: mental, afetivo e motor.

4. A criança, a família e a aprendizagem

Estudar a família é de grande importância para a compreensão da constituição e a estruturação dos processos de dificuldade de aprendizagem das crianças. Esse processo se encontra envolvido num emaranhado de relações intersubjetivas, onde ocorrem as pulsões e as sublimações (DESSEN, POLONIA, 2007). A criança começa a existir antes mesmo do seu nascimento biológico, ela existe a partir da concepção do inconsciente dos seus pais, em especial de sua mãe. Esse processo se inicia quando a menina, ainda pequena, brinca com suas bonecas, imaginando que lhes dá de comer e beber, tratando-as com cuidado e carinho (PORTELLA; FRANCESCHINI, 2006). Ao nascer, a criança é um ser totalmente biológico e dependente e o seu encontro com o outro diante da sua onipotência o torna um ser psicológico e cultural. Assim se forma a criança a partir das influências do grupo familiar somadas as suas características pessoais.

Freud (1999) destaca a importância que a atitude dos pais (conscientes ou inconscientes) tem na formação de um sintoma na criança. A análise de um caso específico é ponto de partida para que o autor ensine como a sintomatologia apresentada por uma criança pode ser interpretada como resultante dos conflitos edípicos não resolvidos de seus pais. Assim, além de ter que lidar com sua própria situação edípica, a criança precisa ainda estruturar-se defensivamente ainda em relação aos conflitos parentais sobre ela projetados (OLIVEIRA, 2002). Dessa forma pode-se entender que toda criança apresenta sintomas advindos do seio familiar, o que leva a constatar a importância do papel da família na formação da personalidade do ser humano no advento de patogenias desenvolvidas a partir do grupo social no qual este se encontra inserido.

Conforme observa Melaine Klein (1982), as primeiras relações com os elementos ao seu redor (objetos, pessoas, situações) estimulam a criança a formar seu aparelho psíquico, nesse sentido a família passa a influenciar de forma significativa o desenvolvimento das primeiras patologias na criança desde o seu nascimento. De acordo com a autora, ao vivenciar uma educação infantil com menos repressão, a criança estaria em melhores condições de operar suas capacidades intelectuais, numa perspectiva onde o pensamento estará mais protegido contra a repressão, isso evitaria que capacidade sublimatória da criança fosse diminuída, permitindo as expressões naturais de sua curiosidade e evitando inibições ou barreiras ao desenvolvimento intelectual. Portanto, o nível de vínculo que uma criança desenvolve com as pessoas do seu convívio irá garantir o nível e o tipo de conexão

que esta estabelecerá com o conhecimento em si, repercutindo na sua aprendizagem escolar.

As considerações tecidas por Melaine Klein (1982) contribuem para as proposições de Freud, Wallon e Winnicott acerca do desenvolvimento, embora as posições destes três pesquisadores não sejam exatamente iguais. Os três autores apontam para uma linha de raciocínio que se inicia num mesmo ponto de partida: inevitavelmente o ambiente familiar, cuja base são as disposições dos pais, envolvendo características próprias de cada um, criam o primeiro contato com aqueles que em tese servirão de modelo de desenvolvimento, moldando suas disposições naturais.

Conforme exposto, Wallon compreende que o desenvolvimento infantil é pontuado por conflitos de origem exógena e endógena, onde o primeiro é fruto da interação do indivíduo com o meio externo ou ambiente e que está inserido e o segundo são os reflexos de seu desenvolvimento natural, o ambiente interno. Tal apontamento dialoga com a teoria de Freud (1999), ao descrever sobre como as duas influências recaem sobre o ser humano desde seu nascimento, a necessidade de se adaptar e atuar no mundo, para garantir sua sobrevivência, que se encaixa no ambiente externo walloniano e a busca pelo objeto sexual, motivação interna que propela o homem a construir relacionamentos. Pode-se assim, construir um paralelo entre os dois autores.

Em complemento, Winnicott traz um elemento que contrapõe e ao mesmo tempo soma-se aos pensamentos de Freud e Wallon sobre como funcionam as influências externas e internas formadoras da psiquê nos primeiros meses de vida. De acordo com ele, o bebê é incapaz de separar o que sejam fatores externos e internos, portanto não há nenhum tipo de conflito moldando a personalidade da criança. Para ela tanto as sensações orgânicas, como fome, sede, frio ou dor; quanto as externas, como estar no colo da mãe, receber carinho, atenção e educação, fazem parte do mesmo universo sensorial, ou seja, são todas sensações. Winnicott argumenta que o bebê não possui nem mesmo um sistema nervoso maduro ou um desenvolvimento mental adequado para compreender que existem dois ambientes que o estimulam de maneiras diferentes.

Ao se articular as três teorias, uma nova compreensão pode ser construída. Sob o ponto de vista winnicottiano, a teoria do estágio do espelho de Wallon adquire significado especial. Assim, a criança de Winnicott, que não sabe que existe enquanto indivíduo, nem que existem ambientes externos ou internos, ao ver sua imagem no espelho proposto por Wallon, passa a construir uma nova visão sobre si mesma e dessa forma, compreende que que ela existe, que não é uma parte do ambiente ou parte da mãe ou mesmo do pai. Poderia este ser o ponto de partida para uma próxima etapa de seu desenvolvimento, o ponto onde a teoria freudiana faria todo sentido. Essa criança, percebendo-se indivíduo – não necessariamente por ter-se olhado em um espelho –, ou seja, atingindo um grau de compreensão da realidade em que entende que precisa ou quer alguma coisa que está fora de seu organismo, iniciaria seu processo de discernimento a respeito de quem é de sua posição no mundo.

As teorias psicanalíticas vêm explicando as barreiras encontradas na criança quanto ao aprendizado, nas questões ligadas ao ambiente desfavorável, professores e pais refratários e excessivamente críticos, incapacidade e empecilhos emocionais causados por ansiedade e repressão em variadas fobias ou como fruto de relações pais-filhos ou intraparentais desarmoniosas. Expõe dessa forma a relevância de um ambiente propício para se educar as crianças. O ambiente escolar e o lar precisam ser construídos de tal forma que se minimizem as brechas repressivas e se aumentem as oportunidades de sublimação. Precisa ofertar uma chance às ações espontâneas e criativas envolvendo toda

forma de sublimação. A psicanálise vem destacando a relevância das brincadeiras na educação de todas as crianças. Esse ato de brincar, juntamente a outros interesses naturalmente manifestos na fase infantil, são determinantes para o estabelecimento das várias atividades curriculares e extracurriculares no ambiente escolar. Esse jogo de ênfase, deu origem à ludoterapia e o brincar, como importantes técnicas voltadas ao trato dos problemas, tanto escolares quanto emocionais (FONSECA, 2016).

Segundo Carneiro (2018), os textos psicanalíticos dedicam especial atenção à constatação de que o diagnóstico médico-pedagógico a respeito dos entraves no aprendizado e escolarização, não raro desconsidera as particularidades dos atores dentro de seu próprio contexto. Tratando-se do tema de maneira isolada, fora de contexto da realidade e puramente descritiva, perde-se a dimensão singular dessa manifestação sintomática para aquele sujeito, bem como a possibilidade de que ele esteja envolvido na pesquisa e no tratamento de sua dificuldade. Parte-se do primórdio de que ampliar o debate a respeito dos entraves existentes na escola incluiria diferentes vozes que, participando do processo, ao invés de silenciadas, ajudariam a simplificar a questão e, conseqüentemente, minimizar a participação subjetiva.

5. Considerações finais

Este estudo buscou compreender as dificuldades que envolvem a aprendizagem, bem como, as formas pelas quais a criança consegue aprender, a grande relevância da família, do vínculo para a aprendizagem e a importância das relações afetivas com a vinculação do conhecimento, chamando a atenção para a compreensão da relação familiar, conforme expõe a teoria psicanalítica.

A proposta apresentada foi estudar a criança e a influência da família sobre seu desenvolvimento, considerando suas características pessoais. Ressalta-se a importância da relação mãe-filho, o papel do pai na primeira infância e a contribuição desses fatores para a construção do ego e de relações objetais saudáveis. Pôde-se apreender que as famílias que apresentam relações “doentias” com seus filhos, recalando suas emoções, inconscientemente atrapalham sua capacidade de pensar racionalmente e assim, também, de aprender. A capacidade de aprender está vinculada a estímulos que impelem o ser humano à curiosidade. Quanto mais tolhido em seu desenvolvimento, menos interessada em aprender a criança fica vivendo dentro de estreitos limites. A fantasia inconsciente acaba tendo importância fundamental para a construção e evolução do pensamento da criança, que tem origens rastreadas no processo de vinculação do bebê com a mãe, conexão que leva às futuras relações objetais e a maneira pela qual a criança irá interpretar a realidade.

Foi possível identificar, que para estudar a criança deve-se primeiro entender o vínculo que ela estabelece com a família e quais os modelos vinculares que ela estabelece entre seus membros, pois esses serão internalizados, contribuindo para a formação da sua identidade biopsicossocial e dessa forma constituindo os modelos de aprendizagem. Ou seja, o tipo de relação que a criança mantém com a família se repetirá inconscientemente em outras situações, a forma como ela se vincula externamente com o objeto ou com o conhecimento é a forma como se estabeleceu a vinculação com o pai e a mãe, dependendo de como essas figuras foram internalizadas.

6. Referências

ASHBY, F. G.; ISEN, A. M.; TURKEN, A. U. A neuropsychological theory of positive affect and its influence on cognition. *Psychological Review*, v. 106, 1999.

AUGUSTYN, Adam. Oedipus complex. *Britannica, Health & Medicine, Conditions & Diseases, Mental Disorders*, 2022.

CLAXTON, G. *Cultivating positive learning dispositions*. In: DANIELS, H., LAUDER, H., PORTER, J. (Eds.). *Educational Theories, Cultures, and Learning: A critical perspective*. Routledge: London, 2009.

CARNEIRO, C. *Multiple case studies: research strategy in psychoanalysis and education*. Scielo, v. 29, n. 2, 2018.

DESSEN, Maria Auxiliadora; POLONIA, Ana, C. *A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano*. Paidéia, Ribeirão Preto, v. 12, n. 36, 2007.

FREUD, Sigmund. *Análise de uma Fobia em um Menino de Cinco Anos: O Pequeno Hans*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1999.

FREUD, Sigmund. *O esclarecimento sexual das crianças*. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976.

FONSECA, Vitor. *Importância das emoções na aprendizagem: uma abordagem neuropsicopedagógica*. Revista da Associação Brasileira de Psicopedagogia, São Paulo, V. 33, n. 102, 2016.

KLEIN, Melanie. Some theoretical conclusions regarding the emotional life of the infant. London: Hogarth Press, 1973.

LEDOUX, J. Psychoanalytic theory: Clues from the brain. *Neuropsychanalysis*, v. 1, 1999.

OLIVEIRA, Rackel. *A gênese da teoria lacaniana do estágio do espelho: os materiais para construção*. 2017.93p. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Juiz de Fora.

PORTELLA, Fabiani ; FRANCESCHINI, Ingrid. *Família e aprendizagem: Uma relação necessária*. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2006.

VERMUNT; J. D.; VERMETTEN, Y. J. Patterns in Student Learning: Relationships Between Learning Strategies, Conceptions of Learning, and Learning Orientations. *Educational Psychology Review*, v. 16, n. 4, 2004.

WALLON, Henry. *As origens do pensamento na criança*. São Paulo: Manole, 1982.

WINNICOTT, Donald. Papel-espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil. In: LOMAS, Peter (Ed.). *A situação da família: Um simpósio psicanalítico*. Londres: Hogarth e Instituto de Psicanálise, 1967.

SCHLÖGLMANN, W. Can neuroscience help us better understand affective reactions in mathematics learning. *Proceedings of CERME*, v. 3, 2003.